



Edson Miagusko* e
Joana da Silva Barros**

Salve-se quem puder! resenha do livro 'Saídas de Emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo'

ORGANIZAÇÃO: Robert Cabanes, Isabel
Georges, Cibele Rizek e Vera Telles.
São Paulo: Boitempo, 2011.

* professor do PPG Ciências Sociais UFR-RJ,
pesquisador do NAPP/UFRRJ.

** doutoranda em Sociologia - USP, e assessora
do Programa Nacional Direito à Cidade - FASE.

Nos últimos anos, tem-se indagado na literatura especializada e no debate público como vivem as camadas mais pobres da população nas metrópoles brasileiras, depois de mais de duas décadas de significativas alterações sociais, políticas, econômicas e culturais no país. Deste debate sobre as transformações, acumulou-se um tanto de dados e pesquisas que assinalam a imbricação entre o urbano e as variadas dimensões do social, combinando-se em um movimento de erosão da experiência associada ao trabalho. Mas, até agora, não havia uma produção que juntasse essas várias dimensões do social e do urbano, mostrando como (sobre)vivem homens e mulheres nos territórios da metrópole após mais de duas décadas da “tormenta neoliberal”.

A publicação de *Saídas de Emergência: ganhar e perder a vida na periferia de São Paulo* chega para preencher essa lacuna. Organizado por Robert Cabanes, Isabel Georges, Cibele Rizek e Vera Telles e escrito por um conjunto de pesquisadores que investigam diferentes temas tomando a periferia de São Paulo como cenário e objeto, o livro traça um quadro pouco conhecido da cidade e mostra a contraface da aclamada cidade global, cuja face cintilante para o capital mostra-se naturalizada na sua imprevisibilidade para os indivíduos das camadas populares.

O livro faz uma descrição crua da realidade na periferia de São Paulo. Ou mais precisamente, das diversas experiências das periferias paulistanas. Através de etnografias e pesquisa de campo os autores desenham um retrato do que é viver em São Paulo. Trazem a público as trajetórias e experiências daqueles que ganham e perdem a vida na sua periferia, fazem um esforço de tornar pertinentes ao mundo público histórias e vidas trancafiadas no mundo privado.

Os autores dos textos não recorrem a adjetivações para explicar essa dinâmica social. Dispõem-se a retratar a realidade das camadas populares sem partir de ausências ou comparações com outras épocas e, portanto, abandonam toda valoração comparativa; narram o que ouvem e veem a partir de seu movimento próprio para compreender como paulistanos que moram nas periferias longínquas, ou nem tão longínquas, sobrevivem e vivem.

O período das pesquisas coincide com o processo de erosão do mercado de trabalho, por uma via e por outra, com a alteração da presença do Estado com especial atenção para a forma como este produz sua ordem (ou desordem) nas margens da cidade. Esta articulação entre transformações do trabalho e desregulação estatal tornou indistintas (para usar uma expressão usada por Maria Célia Paoli) políticas sociais, filantropia empresarial e regulação privada. De outro lado, também se intensificaram políticas de controle social, o que ampliou a experiência (tensa e em confronto) dos mais jovens com o aparelho policial e carcerário. Essas transformações também coincidiram com uma alteração nos padrões familiares, com a reorganização do papel das mulheres nas famílias populares. São estas transformações que, juntas e misturadas, conferem o chão onde os informantes dos autores deste livro se localizam e a partir de onde experimentam a emergência de uma nova regulação urbana e política na cidade de São Paulo.

Assim, os relatos reunidos dão notícias das escolhas – ou da redução de seus horizontes – diante de políticas sociais transformadas em gestão da pobreza, do truncamento das trajetórias pessoais e coletivas diante da erosão do mercado de trabalho nos anos 1990, das políticas de encarceramento em massa que fizeram explodir a população juvenil nas cadeias, da transformação das formas de representação das entidades sociais e das associações; trânsitos estes que alteram e resignificam as categorias do mundo público e dos espaços privados. Trata-se de perceber, a partir das

várias perspectivas dispostas neste mosaico de situações, as respostas das camadas mais pobres a sua experiência na tormenta neoliberal.

Os autores de *Saídas de emergência*, contudo, não condenam os pobres como vítimas passivas desse processo. Estratégias variadas são acionadas e saídas possíveis são estabelecidas diante e dentro desse novo contexto. E as respostas dadas nestas encruzilhadas são variadas o que implica sempre em nova aposta, um ganhar e/ou perder nas franjas da cidade. São saídas construídas tendo nos olhos um horizonte encolhido, nublado e, em certa medida, afastado de um projeto de transformação. E são, por isto mesmo, saídas de emergência dos Amaros, das Doralices, Vandas, Inás, Letícias e tantos outros e outras cujas vidas estão por um fio.

Nossos autores, seguindo seus interlocutores, nos levam em uma viagem de tirar o fôlego pelos círculos dantescos da metrópole paulistana, com o cuidado de não tratar uma dimensão da vida desses indivíduos de maneira a generalizá-la para outras esferas. O trabalho e sua falta, a moradia e sua precariedade, a família ou sua violência, os expedientes ilícitos que são encontrados na mesma esquina do lícito, a política e o clientelismo, o social e sua gestão, tais como bonecas russas estão todas inseridas uma nas outras. Ou como diria Guimarães Rosa, são experimentadas neste mundo cada vez mais misturado. São várias dimensões da vida que se inter cruzam, do trabalho ao privado, da religião à gestão do social, do papel das mulheres no trabalho social aos fluxos (i)migratórios globais, do lícito ao ilícito, tudo sem dualismos; buscando captar

a dinâmica complexa desse real que se constrói a partir de uma sociedade cuja perspectiva dos direitos deixa de fazer sentido como horizonte emancipatório.

Chico de Oliveira no prefácio do livro evocou uma passagem clássica de Kafka para estranhar uma metrópole que transformou indivíduos em insetos. O estranhamento principal em *Saídas de emergência* não vem das condições de vida retratadas no livro que do ponto de vista de alguns indicadores de acesso a serviços básicos até melhorou. O que impressiona nesta emergência é o “salve-se quem puder” como lógica, o que estabelece a privatização radical da vida, de modo que não se plasma – pelo menos não ainda de maneira tangível – em algum tipo de organização política/pública que se contraponha ao mundo administrado da gestão do social por organizações sociais e filantrópicas ou as saídas através do individualismo religioso e solidário que encolhem ainda mais as possibilidades de romper as amarras deste mundo público cada vez mais privatizado sob a insígnia do capital.

O leitor tem em mãos textos que devem ser tomados não apenas como material sociológico. A reflexão que este livro provoca faz questionar a naturalização do inferno urbano nos quais se transformaram nossas cidades, especialmente aqueles territórios nos quais vivem Doralices e Amaros, e suas saídas de emergência. 